



REDE  
TEMPO  
BRASIL



Boletim do Tempo Presente - ISSN 1981-3384

## Fascismo Social e de Gênero: A desumanização das mulheres trabalhadoras domésticas

---

Antônio Manoel Elíbio Júnior<sup>I</sup>  
Matheus Rodrigues<sup>II</sup>  
Segislane Moésia Pereira da Silva<sup>III</sup>

**Resumo:** Este estudo discorre acerca do fascismo social e de gênero no tocante a experiência das trabalhadoras domésticas, durante o contexto atípico causado pela pandemia de Covid-19. O nosso principal objetivo é apresentar a realidade de desumanização das trabalhadoras domésticas, visto que a atual conjuntura pressupõe cuidados referentes a saúde da população, enquanto as trabalhadoras domésticas não os visualizam na prática. Trata-se de um estudo bibliográfico, com finalidade de retratar a importância da luta contra os sistemas de poder fascistas.

**Palavras-chave:** Fascismo. Gênero. Trabalhadoras domésticas.

### Social and Gender Fascism: The dehumanization of female maids

**Abstract:** This study discusses the social and gender fascism particularly experienced by female maids and housekeeper, in the atypical context caused by the Covid-19 pandemic. The main objective is to presents the dehumanization of female maids, once the pandemic conjuncture assumes a series of good health recommendations, but maids are denied of good health practices. Thus, this article presents a literature review, for the purpose to retreat the importance of the resistance against fascism.

**Keywords:** Fascism. Gender. Female maids.

### Introdução

Segundo Ceccon e Meneghel<sup>IV</sup> o fascismo de gênero é a ampliação do conceito de fascismo social proposto por Boaventura de Sousa Santos. É um regime social que opera no campo ideológico, na imposição de ideias conservadoras, racistas, misóginas e sexistas, exercido tanto pelo Estado, quanto pela sociedade por meio de dois mecanismos: (a) a exclusão de mulheres negras e pobres de seus direitos fundamentais e (b) a violência como mecanismo de controle. Isto é, mantém a linha abissal entre as mulheres que serão protegidas e cuidadas e aquelas cujas vidas são elimináveis, invisíveis e descartáveis. Grande exemplo em nossa atual conjuntura pandêmica é o fascismo de gênero emergente e sua atuação desumana sobre a mulher trabalhadora doméstica.

A prática desses discursos fascistas explicita a dominação e exploração, por parte da elite branca heterossexual e masculina sobre as mulheres, especialmente as negras e pobres. Nos últimos anos com a ascensão de governos de extrema-direita, o conservadorismo e a misoginia ficam evidentes, até em letras de músicas de campanha que desumanizavam mulheres. Cabe salientar que é comum em regimes fascistas a tentativa de desumanização do

JÚNIOR, A.M.E; RODRIGUES, M; SILVA, S.M.P.

Outro, assim como o regime nazista fazia ao desumanizar seus inimigos figurando-os como animais/ratos.

O trabalho doméstico, ainda visto socialmente como “atributo feminino”, é percebido como essencial somente no período de pandemia que vivemos, e expõem esse grupo de trabalhadoras ao risco majorado de infecção. Aqui fica explícita uma faceta de exploração típica do capitalismo patriarcal, racista e sexista, em que a figura da trabalhadora é totalmente desumanizada e suas subjetividades são irrelevantes.

Com isso fica claro que, a crise sanitária que vivemos e as medidas de isolamento, impõem as mulheres trabalhadoras domésticas (as que são remuneradas e as que não são remuneradas) uma série de atividades que as sobrecarregam e que revela uma sociedade organizada meramente na obtenção do lucro e não na promoção da vida.

Com base nisso, esse discurso desumanizador contra mulheres trabalhadoras domésticas seria um fascismo de gênero emergente em nossa sociedade? E quais seus fundamentos? Podemos considerar que há evidentemente um fascismo de gênero fundado na sociedade capitalista-patriarcal-racista ainda mais bárbaro nesse momento de crise sanitária?

Diante disso, o principal objetivo desse estudo é compreender como o fascismo de gênero se dá em nossa atual sociedade, assim como esse desumaniza e oprime mulheres trabalhadoras domésticas sob um recorte de classe, raça. Para a elaboração utilizaremos autoras(es) como: Arendt<sup>V</sup>, Bezerra<sup>VI</sup>, Bourdieu<sup>VII</sup>, Davis<sup>VIII</sup>, Neves<sup>IX</sup>, Saffioti<sup>X</sup>, Santos<sup>XI</sup> entre outras(os).

Com base nisso a proposta de estudo visa inicialmente traçar considerações sobre o fascismo social abordado por Boaventura de Sousa Santos, e enfatizar considerações sobre o fascismo de gênero compreendendo alguns pontos de maneira interseccional, assim como correlacionar a construção de um sistema que tem como base de dominação a opressão sobre os corpos e subjetividades das mulheres. Logo mais trazer algumas notas sobre esse fascismo emergente em nossa sociedade atualmente como, por exemplo: a objetificação do corpo feminino e a desumanização das mulheres trabalhadoras domésticas. E por fim traçaremos considerações finais.

## **1. Fascismo Social e Fascismo de Gênero**

### **1.1 A naturalização histórica do fascismo: encontro entre o passado e o presente nas práticas sociais**

O fascismo ganhou notoriedade e força política com o advento do Partido Nacional Fascista em 1922 na Itália, e seus regimes de poder perduraram até 1945 após a derrubada dos seus líderes pelo mundo, como foi o caso de Benito Mussolini e Adolf Hitler. Este se aliou a organizações de antigos combatentes da primeira guerra, visando pressionar o governo com ataques militares e antidemocráticos. Com a sua ascensão, ao prometer melhorias econômicas no país, Mussolini conseguiu controlar várias organizações da sociedade, graças ao seu conselho nacional fascista que determinava tudo sem qualquer possibilidade de contestação. Existia um verdadeiro culto a persona de Mussolini como líder acima de tudo e de todos<sup>XII</sup>.

Já o nazismo emergiu com a chegada de Hitler no poder em 1933, quando ele foi nomeado como primeiro ministro e passou a estabelecer medidas totalitárias com a promessa de recuperação econômica da Alemanha pós guerra. Quando Hitler chegou à liderança do país se tornou um líder reverenciado e símbolo de poder por todo o mundo, sendo responsável por um

JÚNIOR, A.M.E; RODRIGUES, M; SILVA, S.M.P.

projeto expansionista pela Europa que eclodiu na segunda guerra mundial e no que conhecemos como o Holocausto.<sup>XIII</sup>

Porém, assim como Mussolini, teve seu projeto de poder derrotado, como também graças as suas ações de extermínio e violações a dignidade humana, se formalizou pelo mundo uma nova perspectiva sobre a proteção à vida. Tivemos a criação do tribunal penal internacional que julgou esse passado sanguinário, propiciando alguma breve justiça aos corpos que lutaram, pereceram e resistiram contra o ideal fascista.

Alguns fatores caracterizavam os regimes fascistas. Entre eles, se encontram o autoritarismo indiscutível; o anti liberalismo, oposto as promessas políticas de apoio à iniciativa privada para a recuperação econômica dos países, mas que no fim foi usado do aparato estatal para controle do mercado; o militarismo, que atribui ao exército a função de salvar a nação de forças inimigas; também o anti comunismo, ideal perpetuado até os dias de hoje com ideias contrárias as pautas sociais; e por fim, os status hierarquizados da sociedade, destacando os sujeitos colaboradores do regime e rechaçando ou exterminando aqueles contrários a ele.<sup>XIV</sup>

As ideias iluministas eram tidas como as verdadeiros noções e princípios “irracionais”, enquanto os seguidores do fascismo iriam alcançar a racionalidade ao reafirmarem o que era pregado por seus líderes, cumprindo o que a “lei natural” mandava.<sup>XV</sup>

O ideal fascista era contornado por sentimentos de paixão e patriotismo acima da atividade intelectual e da razão, fazendo um paralelo entre o viver e a batalha, em que o ser humano se tornava bestializado e entrava em um estado de irracionalidade para conquistar o poder.

O próprio fascismo se vê guiado por falsas noções científicas para justificar a sua visão de sociedade, por isso o cohecimento e a educação eram, e são, a principal ameaça para as forças fascistas, já que através da produção do conhecimento e da argumentação se desconstruem as visões míticas e delirantes que eram impostas.<sup>XVI</sup>

Assim, uma das principais ações do fascismo era de atacar as instituições educacionais, em especial as universidades onde se produz senso crítico que respeitará a diferença e a subjetividade das identidades. Projeto que até os dias de hoje se vê perpetuado com discursos, ataques sutis, cortes em investimentos e verbas, ações de intimidação, entre outras, na busca de silenciar um importante sistema opositor.

Todavia, não se pode pensar no nazismo, por exemplo, como uma estrutura que não preza pela individualidade dos sujeitos e foca apenas nas questões da maioria. Para Hitler, era válido tanto a meritocracia da sociedade alemã, quanto a individualidade de cada um. Portanto, ao levar em consideração esses aspectos e colocando em comparativo as características subjetivas da população, surge a ideia de inferioridade e necessidade de subalternação dos inferiores. Pois enquanto existem aqueles aptos ao trabalho e guerra, graças as suas ‘potencialidades’, também existirão outros que pelas as suas características individuais não terão como alcançar um determinado status.<sup>XVII</sup>

Esse conceito de inferioridade parte da perspectiva de que pessoas dissemelhantes das políticas fascistas sejam inaptas a dividerem espaços, exercer direitos e tenham condições para cumprir o que o homem ariano, pela essencialidade da sua raça, ‘poderia fazer’. Um fator de forte impacto na atualidade, quando não se é respeitada a democracia e o tratamento igualitário aos sujeitos, muitas vezes usando do argumento de ‘meritocracia’ para o crescimento das pessoas, desconsiderando suas significativas desigualdades.

Quanto a democracia, o nazismo a criticava, pois tinha a visão de que seria inviável e prejudicial as individualidades, pois não reconheceria aquelas que se destacam em detrimento das outras, ameaçando a estruturação de um padrão homogenio de nação, caso existisse a noção de igualdade nas relações sociais. Se aproximando do que vemos nos dias de hoje pregado pelo liberalismo, com a ideia de que todos podem competir entre si com as mesmas

JÚNIOR, A.M.E; RODRIGUES, M; SILVA, S.M.P.

chances, mas que só alguns irão chegar ao topo, enquanto outros fracassarão ou até venham a ser extirpados das oportunidades do mercado.<sup>XVIII</sup>

Os resultados dessas guerras fundamentadas em preceitos totalitaristas que o fascismo pregou, geram repercussões até os dias de hoje, quando analisamos a forma que a sociedade reproduz características ligadas ao que a extrema direita fascista pregava na Europa do século passado. Apesar de todo essa linha temporal que separa a realidade fascista da atualidade e mesmo com um modelo de sociedade capitalista com viés ‘democrático’ no ocidente, ainda existem discursos que flertam com os ideais fascistas e violam a dignidade das pessoas, criando relações desiguais em diversos aspectos da vida humana.

Mesmo sendo um regime que surgiu a tantas décadas, através dos discursos conservadores e ultra direitistas vemos como essas ideias ainda se perpetuam, não só em tese, mas como um verdadeiro modo de pensar contemporâneo. De fato, existe um perfil fascista atual, quando vemos que mesmo em uma sociedade tão avançada tecnologicamente e nas discussões sociais sobre minorias, ainda enxergamos o poder “sedutor” do projeto que o fascismo apresentava nas ações cotidianas.

Os principais grupos atacados pelos ideais fascistas na nossa sociedade, são aqueles com orientação sexual e identidade não binárias, religiosos de matriz africana, trabalhadores periféricos, feministas e opositores da elite, fazendo assim com que todo aquele que rompa a homogeneidade discursiva do fascismo seja demonizado. De forma que esses sujeitos serão enquadrados como indignos, os desumanizando e os colocando em um espaço de abjeção social.

Para o fascismo todo aquele diferente ao perfil idealizado pelos seus seguidores, será associado a um aspecto de marginalização, um criminoso, estuprador, comunista, terrorista ou qualquer categorização pejorativa que coloque as experiências individuais dentro de um espaço de exclusão.<sup>XIX</sup>

O perfil fascista destoa da realidade em um universo imaginário, para associar o “diferente” a algo perigoso que represente risco a sociedade. A princípio eles isolam um determinado grupo tido como abjeto e naturalizam as suas diferenças, dando ênfase a elas e criando uma ilusão científica de que hierarquicamente aquelas pessoas são inferiores.

Assim, criando um atmosfera de medo sob toda a coletividade, que irá fomentar divisões sociais e possam separar o “nós”, pessoas que comungam com o ideal fascista, do “eles”, que ameaçam a organização secular da família.<sup>XX</sup>

Por isso, qualquer tentativa de reivindicação por expansão de garantias e direitos das minorias será intitulada de “vitimização” ou até mesmo ‘mimimi’ segundo a linguagem produzida nas redes sociais. Apenas o tido como ‘cidadão de bem’ poderá ter suas comoções atendidas, pois garantindo o seu acesso a direitos fundamentais irá isola-lo de grupos marginalizados.

Para combater os avanços dessas minorias que são “ameaças para a sociedade”, se constrói a imagem mítica, nacionalista e fantasiosa de um necessário vetor que exalte o patriotismo, recuperando as suas origens militarizadas, conquistas, em um tempo de glória e organização social, considerando que a ideia de passado remonta a um contexto de tradições preservadas e de poder do patriarcalismo.<sup>XXI</sup>

Porém, o próprio ‘passado’, a história, é negada e re-contada de acordo com o imaginário fascista, que quer uniformizar o mundo dentro de um ideal nunca existente em nenhum tempo da linha histórica.

Outra iniciativa de combate aos grupos opostos ao fascismo e visando não perder o seu poder de controle sob as massas, é a de construir narrativas de acusações ideológicas, a chamada “doutrinação marxista” ou comunista, que a política fascista constrói em seu imaginário como seu maior inimigo, usando o artifício de convencer o senso comum ao categorizar os seus

JÚNIOR, A.M.E; RODRIGUES, M; SILVA, S.M.P.

opositores nesse espaço, que não passa de uma utopia contra os racionais e fundamentados apelos por igualdade.

Sobre isso entende-se que:

A perspectiva dominante é muitas vezes deturpada, sendo apresentada como a verdade, a “história real”, e qualquer tentativa de permitir um espaço para perspectivas alternativas é ridicularizada como “marxismo cultural”. Um princípio central da política fascista é que o objetivo da oratória não deve ser convencer o intelecto, mas influenciar a vontade. O autor anônimo de um artigo de uma revista fascista italiana de 1925 escreve: “O misticismo do fascismo é a prova do seu triunfo. O raciocínio não atrai, a emoção sim”<sup>XXII</sup>

Para o fascismo existe um fator de lealdade a unidade de como uma pessoa pode ser, com uma determinada etnia, religião, tradição, identidade de gênero, orientação sexual, etc. Todo aquele que estiver fora do ideal não fará parte da “nação”, repudiando totalmente a democratização da diversidade, as crenças e culturas além desse molde e as características diferentes a unidade hegemônica.

Existe uma verdadeira dominação identitária para a manutenção da hierarquia, poder e status, que só pode ser conquistado dentro do nacionalismo fascista, de suas premissas lineares e impeditivas da participação do “outro” e do diferente.<sup>XXIII</sup>

A ideia do fascismo de “extremismo” é normalizada e sempre será associada a um determinado grupo ideológico de acordo com os interesses daqueles que detem o poder em determinado contexto, como vemos no caso da extrema direita tentar a todo custo se dissociar do fascismo e associá-lo a esquerda, mesmo com as características fascistas estando mais próximas dos discursos preconceituosos e elitistas que são difundidos.

Considerando isso, vem a necessidade de produzir um olhar crítico ao intitular um grupo político de fascista sem embasamento teórico, devendo ser analisadas as estratégias que constroem o fascismo, para a formação de uma argumentação consistente sem o uso gratuito da acusação de que alguém é ou não fascista, buscando assim que a normalização não seja deturpada e usada contra as políticas opostas a extrema direita.<sup>XXIV</sup>

Outra forma de combate a produção de discursos fascistas vem da ideia de se trabalhar a “diferença” que constrói as diversidades, em vez de aceitar uma política de tolerância forçada, permitindo o desenvolvimento de ações consistentes contra os grupos que reproduzem e recriam a história fascista, ao atacar aqueles que são vulneráveis nas relações sociais, enquanto abraça as elites e religiosos.<sup>XXV</sup>

A principal oposição ao fascismo vem das universidades pela produção de conhecimento que rompe o idealismo forjado pelo fascismo, assim tanto essas, quanto as escolas são vistas como inimigas e, por isso surgem as políticas de associação, onde esses lugares viram doutrinadores e marxistas. Essa associação é usada de maneira infundada, sem sequer corresponder ao marxismo em sua essência, porém o objetivo é atacar as políticas igualitárias.<sup>XXVI</sup>

Entretanto, a própria universidade é espaço de inclusão das minorias que não compactuam com o fascismo e por isso ela se torna alvo de difamações, deturpando os conteúdos ensinados como se esses fossem instrumentos de doutrinação contra as políticas nacionalistas e patriotas que contornam a sociedade e são pilares de sustentamento do discurso fascista.

## 1.2 Fascismo social e fascismo de gênero: conceitos e aplicabilidade nos dias de hoje

JÚNIOR, A.M.E; RODRIGUES, M; SILVA, S.M.P.

Esse cenário de disparidades sociais existe graças ao fascismo social que, segundo Santos (2002)<sup>XXVII</sup>, é um sistema civilizatório que dita as relações de poder entre os sujeitos e estabelece uma hierarquia social entre aqueles que poderão exercer de forma plena os seus direitos e outros que estarão submissos as demandas da elite e do capital.

De forma que, mesmo em um estado de democracia e garantias constitucionais a todo momento ofertadas, a própria sociedade produz e reproduz opressões e violações aos os grupos vulneráveis, partir da omissão do Estado em protegê-los.

Esse tipo de fascismo possui bifurcações em subtipos com características específicas, a exemplo do chamado *apartheid social*, um fascismo de exclusão social, que busca dividir os sujeitos em espaços diferentes, dando o direito apenas a alguns de usufruírem qualidade de vida em um espaço elitizado, seguro, confortável e digno, intitulado de “civilizatório”, enquanto outros se aglomeram em locais de extrema pobreza regados de violência e problemas estruturais de base, vistos como selvagens.<sup>XXVIII</sup>

O *apartheid* historicamente foi um processo de opressão a pessoas negras na África do Sul, em que se fez um processo de inferiorização fundado na comparação racial entre as pessoas da época. Enquanto homens brancos teriam acesso a uma vida digna, as pessoas negras tinham sua existência limitada em nome de um separatismo imerso no racismo indefensável.

Outro tipo de fascismo produzido pela sociedade é o fascismo territorial, que cria uma atmosfera de insegurança e vulnerabilidade na vida dos grupos marginalizados pelas próprias práticas sociais em agir além das atividades do Estado e criar um status para as pessoas nos ambientes públicos e privados.<sup>XXIX</sup>

Nominando quem poderá exercer sua cidadania ou não em determinado espaço, dividindo os territórios e exercendo controle sob eles. Da mesma forma, até os dias de hoje as pessoas pobres permanecem, em sua maioria, vivendo nos espaços abandonados pelos poderes públicos e controlados pelo crime organizado ligado as elites, sejam nas favelas ou periferias dos grandes centros, reafirmando um problema estrutural que sobreviveu ao tempo.

Por fim, o fascismo contratual, em que as pessoas em estado de vulnerabilidade são obrigadas pelas relações civis a estarem submissas a quem detém o poder nas hierarquias sociais. A própria sistemática neoliberal de privatização dos serviços sociais contribui diretamente para esse tipo de fascismo que coloca pessoas pobres em servidão dos interesses da iniciativa privada.<sup>XXX</sup>

Muitas vezes exemplificado pela ação da iniciativa privada em estabelecer o que cada sujeito poderá ter acesso no mercado de trabalho, associando o gênero, raça e sexualidade a cargos ou espaços subalternos, com remunerações incompatíveis a função exercida e até mesmo regulando o cotidiano das minorias de acordo com as demandas de quem ocupa o espaço privilegiado.

Assim, entende-se que o fascismo social é um resultado do pós contratualismo e pré-constitucionalismo histórico, em que grupos sociais são excluídos do contrato social quando seus direitos são impedidos e as classes mais pobres são tidas como descartáveis, ao mesmo tempo que tem sua cidadania bloqueada e são impossibilitados de sair daquele espaço marginalizado.

Mostrando que mesmo em um estado de democracia a sociedade perpetua preceitos fascistas, construído um novo estado de natureza que regula as experiências sociais de cada um. Ainda sobre fascismo social, Santos<sup>XXXI</sup> indica que:

Em suma, o pensamento abissal moderno, que, deste lado da linha, tem vindo a ser chamado para regular as relações entre cidadãos e entre estes e o Estado, é agora chamado, nos domínios sociais sujeitos uma maior pressão por parte da lógica da

JÚNIOR, A.M.E; RODRIGUES, M; SILVA, S.M.P.

apropriação/violência, a lidar com os cidadãos como se fossem não-cidadãos, e com não-cidadãos como se se tratasse de perigosos selvagens coloniais. Como o fascismo social coexiste com a democracia liberal, o Estado de exceção coexiste com a normalidade constitucional, a sociedade civil coexiste com o estado de natureza, o governo indirecto coexiste com o primado do direito.

Em um estado de fascismo social se fala muito em políticas de tolerância, mas isso não educa sob nenhuma perspectiva, pois não reconhece as diferenças existentes e que merecem ser vistas de acordo com as suas particularidades.

Os processos de interculturalidade, denominados como enriquecimento mútuo, são decisivos para transformar uma realidade de tolerância para outra de respeito, pois a violência contra grupos vulneráveis é um fenómeno que une desigualdade e discriminação, diferente do que se via na gênese fascista do século XX.<sup>XXXII</sup>

O fascismo social veta as garantias das pessoas no contrato social, ele desobriga a sociedade a incluir quem está em abjeção social. Ele é impositivo e incapacitador, reinventado pelas novas gerações. Para tanto é necessário democratizar, descolonizar e desmercadorizar, como indica Santos (2007)<sup>XXXIII</sup>, sendo questões chave na criação de um movimento que cesse o fascismo social e preze pela dignidade e direitos das pessoas no coletivo.

Boaventura, ao apresentar essa discussão sobre fascismo social, não contempla outros tipos de desigualdades, como por exemplo a de gênero e de poder nas relações binárias da sociedade. Para tanto, Ceccon e Meneghel<sup>XXXIV</sup> trazem o conceito de fascismo de gênero, caracterizado pela desigualdade nas relações sociais entre homens e mulheres, que produzem formas de opressão, controle e exclusão da figura feminina em todos os espaços da sociedade, sendo percebidas nos tipos de violência, que são desde a psicológica, até a mais extrema como é o caso do feminicídio.

A atuação desse tipo de fascismo é naturalizada e legitimada desde os aspectos econômicos até os raciais, dividindo, separando, segregando as mulheres mais vulneráveis economicamente, que historicamente já são colocadas à margem da sociedade.<sup>XXXV</sup>

Com a crescente onda de conservadorismo e extremismo que vivemos e vimos eclodir nas últimas eleições presidenciais, esses mecanismos de opressão e violência tem se intensificado e muitas vezes ‘justificado’ por diferenças ideológicas dos sujeitos. As principais características desse tipo de fascismo são: a exclusão de mulheres negras e pobres de seus direitos fundamentais e a violência como mecanismo de controle.

Ele vem a selecionar as mulheres que poderão ser consideradas dignas do amparo dos homens e aquelas que devem ser eliminadas, pois são vidas precárias. O perfil dessa mulher é alguém negra, pobre, em situação de rua, que possui alguma deficiência ou já foi presa, sem direito a nenhuma expectativa de ressocialização, pois é vista como “impura” e abjeta. Essas mulheres são destituídas dos seus direitos e da sua dignidade humana, não encontrando aparato jurídico e político para intervenções efetivas contra os processos de violência.<sup>XXXVI</sup>

No combate ao fascismo de gênero, as universidades são grandes aliadas pelas discussões de abordagem feminista contra o patriarcado. Vem desde o regime nazista a ideia de que o feminismo deveria ser combatido, pois se dizia que ele seria uma forma de desqualificação da mulher ariana perfeita para a sociedade, criando a noção imaginária de que o feminismo destruiria a raça humana ao estimular que as mulheres não tivessem filhos ou abortassem, por isso as universidades, com os estudos de gênero, buscavam apresentar ideias de igualdade e de não submissão da figura feminina.<sup>XXXVII</sup>

Para o fascismo as mulheres que não reproduzem a feminilidade héteronormativa e que exerçam seu papel materno e de cuidadora do lar, violam a ordem natural das coisas, assim como os imigrantes não brancos, LGBTQI+, não cristãos, etc, que subvertem os papéis sociais

JÚNIOR, A.M.E; RODRIGUES, M; SILVA, S.M.P.

normalizados.

Por isso aqueles que se identificam com as ideias fascistas não se sentem representados pelas discussões de igualdade, simplesmente por fecharem os olhos para as desigualdades estruturais existentes na sociedade, dificultando a perspectiva positiva de que elas venham a ser superadas.

## **2. Notas sobre o Fascismo de Gênero contra mulheres trabalhadoras domésticas em nossa atual sociedade capitalista-patriarcal-racista**

A mulher nem sempre esteve inserida no mercado de trabalho, entretanto, em toda a história da humanidade realizou tarefas que exigem jornada de tempo, atividade motora e desgaste físico, como por exemplo, as “tarefas domésticas” de lavar, passar, cozinhar, cuidar. Todavia, cabe enfatizar que essas atividades são destinadas a um grupo específico de mulheres: pobres e/ou negras.

Nesse instante destacamos a fala de Davis<sup>XXXVIII</sup> quanto ao espaço do trabalho ainda ocupar na vida das mulheres negras a reprodução de um “padrão estabelecido durante os primeiros anos da escravidão.” Essa realidade abordada por Davis<sup>XXXIX</sup> da mulher negra nos Estados Unidos não difere muito da história no Brasil. A mulher trabalhadora doméstica, antes de tudo, é uma trabalhadora em tempo integral, e não dona do seu lar, mas que vive para o lar do seu proprietário, assim como eram as mulheres escravizadas.

Com a consolidação do sistema capitalista no século XIX e a conquista de algumas leis que beneficiam mulheres é que houve nas últimas décadas um avanço dessas quanto sua participação no mercado de trabalho. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)<sup>XL</sup>, nos anos de 1950, menos de 14% das mulheres tinha emprego, já o último censo (2010) mostra que esse número passou para 49,9%.

Todavia, além do labor remunerado essas mulheres enfrentam uma jornada dupla de trabalho por não serem isentas das atividades domésticas. Tendo em vista essa condição de dupla jornada de trabalho, além dos arranjos familiares no Brasil ter um aumento de mulheres como responsáveis pela casa, essas são conduzidas por trabalhos em tempo parcial ou flexível, ou melhor, trabalhos informais e precarizados.

Ademais, ainda consoante Davis<sup>XLI</sup>, o trabalho doméstico é considerado degradante porque tem sido realizado de modo desproporcional por mulheres negras aprisionadas a essas ocupações até o século XIX e mesmo hoje ser uma atividade reduzida às mulheres de classe pobre.

Como podemos ver até então, o fascismo de gênero é um regime social que opera no campo ideológico, na imposição de ideias conservadoras, racistas, misóginas e sexistas, especialmente através de dois mecanismos: a violência como mecanismo de controle, e a exclusão de mulheres, especialmente mulheres pobres e negras, de seus direitos fundamentais.

É a partir dessa relação que elucidamos como mulheres trabalhadoras domésticas possuem seus corpos e vidas tratados como algo descartável, eliminável, invisível, principalmente na sociedade capitalista-patriarcal-racista contemporânea, além disso, nessa conjuntura pandêmica atual que vivemos. Com base nisso, traçaremos duas principais notas que nos permitirão aprofundar a discussão acerca de tal problemática.

JÚNIOR, A.M.E; RODRIGUES, M; SILVA, S.M.P.

## 2.1 Mercantilização do corpo feminino e o trabalho doméstico

O capitalismo tudo transforma em mercadoria, assim como cita Marx<sup>XLII</sup>. Isso se deve pelo próprio sentido mercantil, das condições sociais e econômicas desse sistema, e em sua lógica até mesmo o humano se transforma em “coisa”. Nessa mesma ótica o mercado de trabalho atua selecionando seus membros a partir de critérios aos quais as mulheres sofrem uma série de desvantagens.

Cabe salientar que, assim como elucida Saffioti<sup>XLIII</sup>, as mulheres nem sempre estiveram desligadas de atividades de trabalho, ao contrário [...] a sobrevivência da humanidade, felizmente variando no tempo e no espaço, com esta divisão sexual do trabalho (não se pode afirmar que todos os povos hajam passado pelo estágio da caça e coleta), foi assegurada pelo trabalho das mulheres.

No entanto, a mulher foi vista como um corpo incompleto durante a história da humanidade, e somente com a sociedade burguesa essa mulher tem sua inserção no mercado de trabalho, mas passa a ser designada especialmente ao lar e cuidado com os filhos. É importante destacar que, nem todas as mulheres são designadas para essas atividades, pois há um recorte de classe e raça que impacta diretamente na vida dessas.

Nas discussões sobre o papel da mulher na sociedade é relevante enfatizar que inúmeros aspectos de desigualdade entre homens e mulheres ainda são persistentes. A disparidade de salário, de oportunidades de acesso ao mercado de trabalho entre outros, são fortes dimensões que comprovam a desigualdade de gênero ainda hoje muito presente. Além disso, deve levar em consideração aspectos subjetivos que interferem diretamente na problemática da desigualdade de gênero, como por exemplo, a mercantilização do corpo feminino.

Pierre Bourdieu em *A dominação masculina*<sup>XLIV</sup> vem dizer que o corpo da mulher é avaliado dependendo da sua posição ocupada no espaço social, ou seja, a depender do momento e contexto histórico e das relações sociais que são impostas pela sociedade a mulher vai ser analisada com particularidades. Com o advento do capitalismo, o corpo da mulher, que era visto como um ser incompleto, passa a ser designado a uma imagem de mãe ideal, de “rainha do lar” e do cuidado com o marido e família.

Nessa mesma tríade, Bourdieu<sup>XLV</sup> considera que a exclusão e submissão feminina é a desigualdade fundamental entre sujeito e objeto, ou seja, entre agenda e instrumento, e com isso há a inferiorização das mulheres. Nesse sistema a mulher só pode ser colocada na posição de objeto, em que seu sentido é dado independente de sua vontade ou ação. Isto é, a dominação masculina em nossa sociedade faz das mulheres um objeto.

A mulher é tida como um corpo útil ao lar, aos cuidados e afazeres domésticos, sendo então objetificada à figura de subserviência. Para Belmiro et al<sup>XLVI</sup> objetificação consiste em analisar o indivíduo a nível de objeto, sem considerar seus aspectos emocionais ou psicológicos. Para Davis<sup>XLVII</sup>, a relação entre mulher e trabalho doméstico possui relação desde o período escravocrata, como afirma que:

O trabalho que os escravos desempenham por si mesmos e não para enaltecer o seu dono foi realizado em termos da igualdade. Dentro dos limites da sua família e da vida comunitária, o povo negro conseguiu cumprir um magnífico feito. Eles transformaram essa igualdade negativa emanada da opressão paritária que sofriam como escravos numa igualdade positiva: o igualitarismo caracterizava as suas relações sociais.<sup>XLVIII</sup>

Segundo Sassen<sup>XLIX</sup> nos últimos anos o trabalho de mulheres é fundamental para o processo de globalização que só vem reforçando a divisão sexual do trabalho, isso porque os homens não compartilham as tarefas domésticas. Em nossa atual conjuntura isso se agrava, uma

JÚNIOR, A.M.E; RODRIGUES, M; SILVA, S.M.P.

vez que vivemos um momento de pandemia a qual põe em xeque a lógica do sistema e as relações sociais estabelecidas no capitalismo.

## 2.2 Desumanização das mulheres trabalhadoras domésticas

Hannah Arendt<sup>L</sup> destaca que a principal característica do fascismo e do autoritarismo é justamente desumanizar pessoas, transformar seres humanos em números. No contexto de pandemia que vivemos, a partir das recomendações da OMS acerca para distanciamento e isolamento social, alguns grupos de determinadas classes não puderam usufruir do privilégio de seguir tais medidas. Esses grupos se tornam invisíveis na lógica do poder hegemônico capitalista, são descartáveis, tornam-se apenas números.

No dia 11 de março de 2020 a OMS decreta estado de pandemia de Covid-19, seis dias depois, no Rio de Janeiro tivemos a primeira vítima fatal. Tratou-se de uma senhora de 63 anos, empregada doméstica, que contraiu a doença de sua patroa após essa retornar de uma viagem à Itália.

Além disso, o trabalho doméstico, desvalorizado durante tempos, agora passa a ser considerado trabalho essencial em alguns estados do país. Mas essencial para quem? Isso posto que, designar as atividades domésticas de limpeza e higiene como “serviço essencial” significa colocar um determinado grupo de trabalhadoras ao risco majorado de infecção, isso não apenas pelo próprio trabalho, mas pelas condições de traslado no próprio transporte público.

A mulher trabalhadora doméstica, neste cenário é colocada como uma ferramenta que deve seguir trabalhando, pouco importa o cenário apocalítico que vivemos. Além disso, suas subjetividades são descartadas, não é levado em consideração se essa mulher possui sua família, filhos.

Muitos casos ocorrem nem mesmo por uma necessidade imperiosa do empregador, mas devido a comodidade, como foi no caso do menino Miguel, de 9 anos de idade que morreu após cair do 9º andar de um prédio de luxo em Recife/PE enquanto sua mãe estava passeando com os cachorros dos patrões.

Esse episódio comprova que os efeitos do coronavírus são diferentes para determinados segmentos em uma sociedade marcada por privilégios, negação de direitos e invisibilidades, como é a nossa. Nas palavras de Bárbara Ferrito e Patrícia Maeda<sup>LI</sup>, a pandemia impacta de maneira distinta os grupos sociais, observando uma lógica classista, racista e sexista.

Com isso fica evidente uma multifacetada exploração comum do capitalismo sem freio, marcado essencialmente pelo racismo e sexismo, em que a imagem da trabalhadora doméstica é desumanizada e suas subjetividades e direitos fundamentais são negligenciados.

## Considerações finais

Ao longo deste estudo pudemos notar que o fascismo (social e de gênero) ataca grupos específicos da sociedade, especialmente sob um recorte de gênero, classe e raça, se configurando um forte instrumento de manutenção de um sistema colonial moderno. Com base nisso abordamos tal fenômeno na vida das mulheres trabalhadoras domésticas em nossa atual conjuntura pandêmica, explicitando como essa problemática impacta na vida desse grupo social vulnerável em que o Estado, no auge da sociedade capitalista, é totalmente omissa quanto sua proteção.

A partir disso, a sociedade capitalista baseada em pressupostos do racismo estrutural e do fascismo social e de gênero obviamente segrega prioritariamente mulheres mais vulneráveis

JÚNIOR, A.M.E; RODRIGUES, M; SILVA, S.M.P.

economicamente e negras. Essas configuram uma parcela majoritária do continente de trabalhadoras domésticas no Brasil, e com advento da pandemia de Covid-19 e as recomendações da OMS, fica explícito quais as vidas que possuem valor nessa lógica de sociabilidade vigente.

O que deveria ser comemorado como conquista – a inserção da mulher no mercado de trabalho – na realidade se configura uma realidade de condições precárias de trabalho, da expressão concreta do racismo estrutural e da desigualdade de gênero. Hoje, mulheres negras e pobres são direcionadas ao trabalho doméstico em um contexto pandêmico que as expõe de forma indubitável ao risco da morte. Não importa sua vida, seus desejos, sua família, filhos. Essa mulher é unicamente um número destinado a cuidar do outro, da classe que não abre mão da comodidade de não realizar tarefas domésticas, ou até de passear com seus próprios cães, como explícito no caso Miguel.

E o que nos resta ao enfrentamento desta problemática? Levando em consideração nosso profundo anseio por uma sociedade sem dominação de classe, gênero e raça, destacamos a importância fundamental da Universidade e dos movimentos sociais que lutam em prol do enfrentamento aos regimes neofascistas em suas diversas expressões. Destacamos que o trabalho doméstico não é o problema, as questões que levantamos são: Quais condições são dadas para essa trabalhadora? Quais direitos são garantidos? Quem é essa trabalhadora? A vida dessa trabalhadora tem valor nessa sociedade?

É a partir disso que reafirmamos a importância da luta contra o capitalismo - sistema esse patriarcal e racista, que possui no fascismo um forte instrumento – e da luta pela garantia dos direitos fundamentais desses sujeitos, em que visamos à superação dessa lógica mercantilista do corpo e das subjetividades de mulheres trabalhadoras domésticas. E por fim, assim como afirma Ângela Davis<sup>LI</sup>, “não basta não ser racista, é necessário ser antirracista”, afirmamos que: não basta não ser fascista, é necessário ser antifascista!

## Notas:

<sup>I</sup> Professor Adjunto III do Programa de Pós-Graduação em Direitos Humanos, Cidadania e Políticas Públicas – UFPB. Pós-Doc em Relações Internacionais – UFPE. Doutor em História Social - Unicamp. Mestre em História - UFSC. Graduado em História - UDESC. E-mail: tonyelibio@hotmail.com

<sup>II</sup> Mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em Direitos Humanos, Cidadania e Políticas Públicas – UFPB. Bacharel em Direito. E-mail: matheusrod15@gmail.com

<sup>III</sup> Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Direitos Humanos, Cidadania e Políticas Públicas - UFPB. Bacharel em Serviço Social. E-mail: segislane@outlook.com

<sup>IV</sup> CECCON, Roger Flores; MENEGHEL, Stela Nazareth. Fascismo de gênero: controle, opressão e exclusão de mulheres. Psicologia Política, vol. 19, nº 46, 2019

<sup>V</sup> ARENDT, Hannah. A condição humana. 8. ed. rev. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997. \_\_\_\_\_ . Origens do totalitarismo, Cia. Das Letras, 1989.

<sup>VI</sup> BEZERRA, Juliana. Fascismo. Toda Matéria, 2020. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/fascismo/>. Acesso em: 15 set 2020.

<sup>VII</sup> BOURDIEU, Pierre. A dominação masculina. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

<sup>VIII</sup> DAVIS, Angela. Mulheres, raça e classe. São Paulo: Boitempo, 2016

<sup>IX</sup> NEVES, Daniel. Nazismo. Brasil Escola, 2020. Disponível em: <https://brasilescuela.uol.com.br/historiag/nazismo.htm>. Acesso em: 15 set 2020.

<sup>X</sup> SAFFIOTI, Heleieth I. B. Gênero, patriarcado, violência. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.

<sup>XI</sup> SANTOS, Boa Ventura de S. Os processos da globalização. In A Globalização e as Ciências Sociais. São Paulo: Cortez, 2002.

\_\_\_\_\_. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. Novos Estudos: CEBRAP, 2007.

JÚNIOR, A.M.E; RODRIGUES, M; SILVA, S.M.P.

- XII BEZERRA, Opus Citatum-op.cit., 2020.
- XIII NEVES, Opus Citatum-op.cit., 2020.
- XIV BEZERRA, Opus Citatum-op.cit., 2020.
- XV STANLEY, Jason. Como funciona o fascismo: A política do “nós” e “eles”. São Paulo: L&PM, 2018.
- XVI *ibidem-ibd*, 2018.
- XVII *ibidem-ibd*, 2018.
- XVIII *ibidem-ibd*, 2018.
- XIX *ibidem-ibd*, 2018.
- XX *ibidem-ibd*, 2018.
- XXI *ibidem-ibd*, 2018.
- XXII *ibidem-ibd*, p.34, 2018.
- XXIII *ibidem-ibd*, 2018.
- XXIV *ibidem-ibd*, 2018.
- XXV BECKER, Jean Lucca de O.; DIAS, Renato Duro. Em tempos de fascismo social, calar é consentir: direitos humanos no contexto do curso de direito da universidade federal do rio grande/rs e a realidade denunciada por Boa Ventura de Sousa Santos. Dourados: Revista Videre, v.10, nº 19, 2018
- XXVI STANLEY, Opus Citatum-op.cit., 2018.
- XXVII SANTOS, Opus Citatum-op.cit., 2002.
- XXVIII SANTOS, Opus Citatum-op.cit.2007.
- XXIX *ibidem-ibd*, 2007.
- XXX *ibidem-ibd*, 2007.
- XXXI *ibidem-ibd*, p.20, 2007.
- XXXII BECK; DIAS, Opus Citatum-op.cit., 2018.
- XXXIII SANTOS, Opus Citatum-op.cit.2007.
- XXXIV CECCON; MENEGHEL, Opus Citatum-op.cit., 2018.
- XXXV *ibidem-ibd*, 2018.
- XXXVI *ibidem-ibd*, 2018.
- XXXVII STANLEY, Opus Citatum-op.cit., 2018.
- XXXVIII DAVIS, p. 24, Opus Citatum-op.cit., 2016.
- XXXIX *ibidem-ibd*, 2016.
- XL IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2019. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios – PNAD Contínua 2020. Rio de Janeiro: IBGE. 2020. Disponível em: [https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/media/com\\_mediaibge/arquivos/0649bf9319de9f6](https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/media/com_mediaibge/arquivos/0649bf9319de9f6)
- XLI DAVIS, Opus Citatum-op.cit., 2016.
- XLII MARX, K. O capital: crítica da economia política. O processo de produção do capital - v. 1, t.1. São Paulo: Nova Cultural, v.1. t.1. (Col. Os Economistas). 1988.
- XLIII SAFFIOTI, p.58, Opus Citatum-op.cit., 2004.
- XLIV BOURDIEU, Opus Citatum-op.cit., 2002.
- XLV *ibidem-ibd*, 2002.
- XLVI BELMIRO, et al. Empoderamento ou Objetificação: Um estudo da imagem feminina construída pelas campanhas publicitárias das marcas de cerveja Devassa e Itaipava. 2015. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2015/resumos/R10-1863-1.pdf>. Acesso em: 24 fev. 2021.
- XLVII DAVIS, Opus Citatum-op.cit., 2016.
- XLVIII DAVIS, p.20, Opus Citatum-op.cit., 2016.
- XLIX SASSEN, Saskia. “Vers une alternative de la mondialisation: les circuits de survie et leurs acteurs”. Cahiers du Genre, n.40. Travail et mondialisation. Confrontations Nord/Sud. Paris: GERS/ L’Harmattan, 2006.
- L ARENDT, Opus Citatum-op.cit., 1989.
- LI AMATRA1. Bárbara e Patrícia: ‘Empregada doméstica não é uma mera ferramenta’. 2020. Disponível em: <https://www.amatra1.org.br/noticias/?barbara-e-patricia-empregada-domestica-nao-e-uma-mera-ferramenta>. Acesso em: 24 fev 2021.
- LII DAVIS, Opus Citatum-op.cit., 2016.

## Referências

AMATRA1. **Bárbara e Patrícia:** ‘Empregada doméstica não é uma mera ferramenta’. 2020. Disponível em: <https://www.amatra1.org.br/noticias/?barbara-e-patricia-empregada-domestica-nao-e-uma-mera-ferramenta>. Acesso em: 24 fev 2021.

JÚNIOR, A.M.E; RODRIGUES, M; SILVA, S.M.P.

---

ARENDDT, Hannah. **A condição humana**. 8. ed. rev. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.  
\_\_\_\_\_. **Origens do totalitarismo**, Cia. Das Letras, 1989.

BECKER, Jean Lucca de O.; DIAS, Renato Duro. **Em tempos de fascismo social, calar é consentir:** direitos humanos no contexto do curso de direito da universidade federal do rio grande/rs e a realidade denunciada por Boa Ventura de Sousa Santos. Dourados: Revista Videre, v.10, n<sup>a</sup> 19, 2018.

BELMIRO, et al. **Empoderamento ou Objetificação:** Um estudo da imagem feminina construída pelas campanhas publicitárias das marcas de cerveja Devassa e Itaipava. 2015. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2015/resumos/R10-1863-1.pdf>. Acesso em: 24 fev. 2021.

BEZERRA, Juliana. **Fascismo**. Toda Matéria, 2020. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/fascismo/>. Acesso em: 15 set 2020.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

CECCON, Roger Flores; MENEGHEL, Stela Nazareth. **Fascismo de gênero: controle, opressão e exclusão de mulheres**. Psicologia Política, vol. 19, n<sup>a</sup> 46, 2019.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. São Paulo: Boitempo, 2016.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2019. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios – PNAD Contínua 2020**. Rio de Janeiro: IBGE. 2020. Disponível em: [https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/media/com\\_mediaibge/arquivos/0649bf9319de9f6](https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/media/com_mediaibge/arquivos/0649bf9319de9f6)

MARX, K. **O capital: crítica da economia política. O processo de produção do capital - v. 1, t.1**. São Paulo: Nova Cultural, v.1. t.1. (Col. Os Economistas). 1988.

NEVES, Daniel. **Nazismo**. Brasil Escola, 2020. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/historiag/nazismo.htm>. Acesso em: 15 set 2020.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. **Gênero, patriarcado, violência**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.

SANTOS, Boa Ventura de S. **Os processos da globalização. In A Globalização e as Ciências Sociais**. São Paulo: Cortez, 2002.

\_\_\_\_\_. **Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes**. Novos Estudos: CEBRAP, 2007.

SASSEN, Saskia. “Vers une alternative de la mondialisation: les circuits de survie et leurs acteurs”. **Cahiers du Genre**, n.40. Travail et mondialisation. Confrontations Nord/Sud. Paris: GERS/L’Harmattan, 2006.

STANLEY, Jason. **Como funciona o fascismo: A política do “nós” e “eles”**. São Paulo: L&PM, 2018.